

17 Dezembro de 2010

Conta Satélite do Turismo

2000-2010

Despesa turística retoma crescimento

De acordo com a informação disponível, estima-se que a despesa turística aumente 7,9% em termos nominais em 2010, recuperando assim do decréscimo verificado em 2009. Prevê-se ainda um crescimento nominal de 6,4% do Valor Acrescentado gerado pelo Turismo, superior ao aumento médio do total da economia nos três primeiros trimestres de 2010 (3,3% em valor).

Este destaque divulga a primeira estimativa de 2010 para os principais agregados da Conta Satélite do Turismo (CST), baseada na informação disponível até 9 de Dezembro de 2010. O destaque inclui ainda a nova série da CST referente ao período 2000 a 2009 de acordo com a nova base das Contas Nacionais, que tem 2006 como ano de referência. Consequentemente, são disponibilizadas, em anexo ao presente destaque, novas séries da Procura, Oferta, Emprego e Formação Bruta de Capital Fixo da CST. Dado tratar-se de uma estimativa baseada em informação incompleta, a conta de 2010 tem a natureza de uma estimativa muito preliminar, circunscrita aos principais agregados, despesa e valor acrescentado.

Quadro 1. Principais Agregados da Conta Satélite do Turismo

	2006	2007	2008Po	2009Pe	2010*
Consumo do Turismo no Território Económico - CTTE					
Valor (10 ⁶ €)	14.008,5	15.466,6	15.776,2	14.797,4	15.960,1
Taxa de variação nominal (%)	9,5	10,4	2,0	-6,2	7,9
Consumo do Turismo Receptor					
Valor (10 ⁶ €)	7.878,6	8.822,6	8.846,8	8.192,0	x
Taxa de variação nominal (%)	12,6	12,0	0,3	-7,4	x
Consumo do Turismo Interno+Outras Componentes					
Valor (10 ⁶ €)	6.129,8	6.644,0	6.929,4	6.605,3	x
Taxa de variação nominal (%)	5,8	8,4	4,3	-4,7	x
Valor Acrescentado Gerado pelo Turismo - VAGT					
Valor (10 ⁶ €)	5.583,5	6.208,7	6.075,8	5.902,7	6.279,8
Taxa de variação nominal (%)	9,6	11,2	-2,1	-2,8	6,4
Contribuição do VAGT para o VAB (%)	4,1	4,3	4,1	4,0	4,1
VAB da Economia					
Valor (10 ⁶ €)	137.827,5	145.698,3	149.792,9	148.086,0	152.958,3
Taxa de variação nominal do VAB da Economia (%)	3,7	5,7	2,8	-1,1	3,3 (a)

Notas:

Po: Dados Provisórios; Pe: Dados Preliminares; *: Primeira estimativa

(a) Taxa de variação nominal acumulada do VAB até ao 3º trimestre de 2010

1. 2010: Resultados da primeira estimativa da Conta Satélite do Turismo

Estima-se que em 2010 haja uma recuperação da actividade turística, com o Consumo do Turismo no Território Económico (CTTE), que resume a procura turística, a registar um crescimento de 7,9%, face ao ano anterior, e o

Valor Acrescentado Gerado pelo Turismo (VAGT) a registar um crescimento de 6,4%. A recuperação da actividade turística terá estado parcialmente associada a um efeito de base resultante do decréscimo observado em 2009.

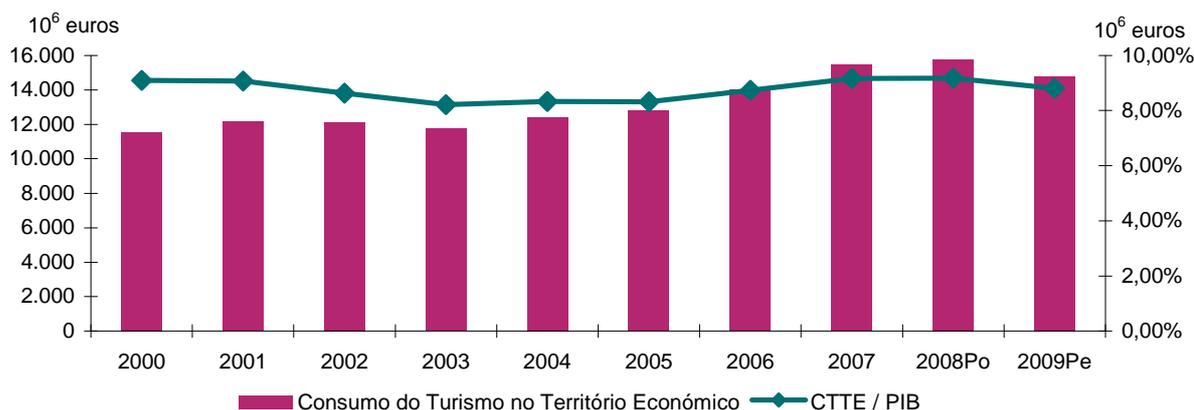
As estimativas preliminares indicam que todas as componentes do CTTE terão recuperado, sendo, no entanto, o turismo receptor, ou seja, o consumo do turismo de não residentes (responsável por mais de metade da procura turística), aquele que terá registado o crescimento mais elevado.

2. A nova série da Conta Satélite do Turismo: 2000-2009

2.1. Consumo Turístico no Território Económico (CTTE) – Procura turística

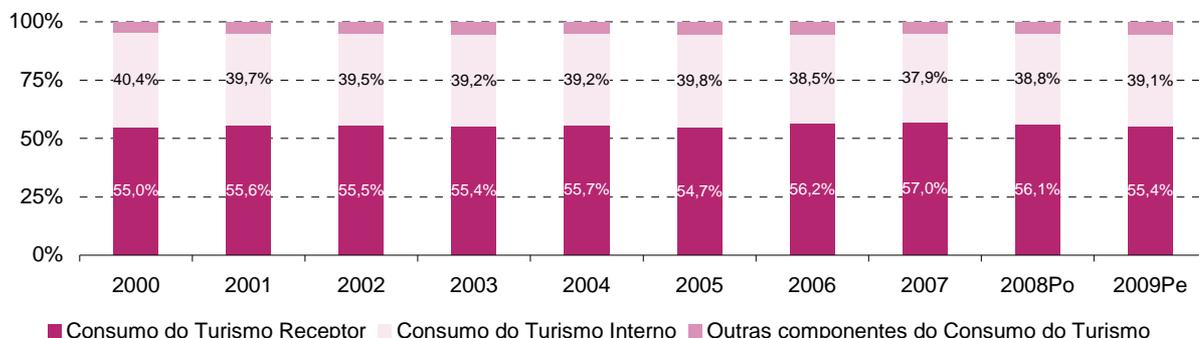
Nos gráficos 1 e 2 analisam-se o CTTE e as respectivas componentes. Verifica-se que, entre 2000 e 2009, o CTTE, apresentou um nível médio de cerca de 8,8% do PIB, tendo atingido um mínimo em 2003 (8,2%) e um máximo em 2008 (9,2%).

Gráfico 1 . Consumo do Turismo no Território Económico e CTTE em % do PIB



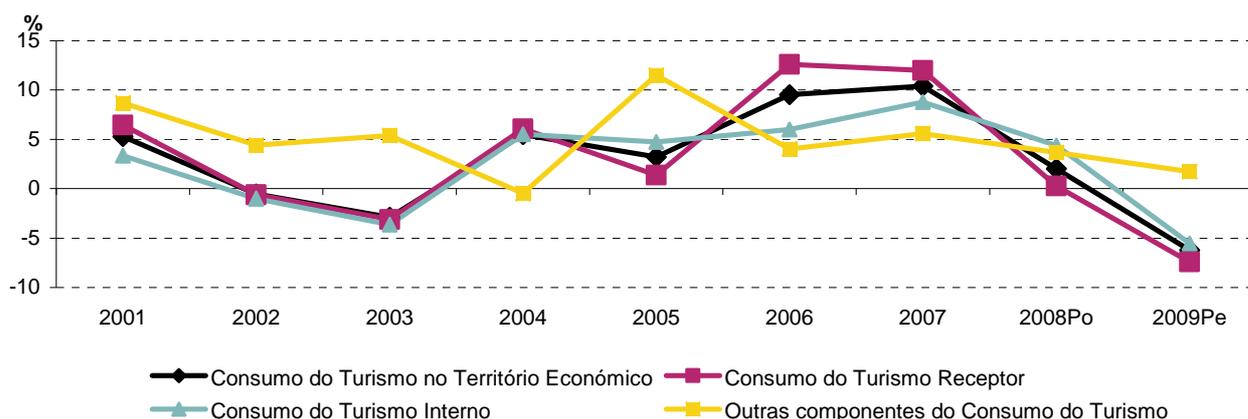
O consumo de turismo receptor (consumo efectuado por não residentes) foi a componente mais importante, representando, em média, 56% do CTTE. O Consumo do Turismo Interno (ou de residentes, efectuado no território económico) apresentou um peso médio de 39%. As outras componentes do turismo (que abrangem nomeadamente serviços de alojamento associados a habitações próprias secundárias) representaram os restantes 5%.

Gráfico 2. Componentes do Consumo do Turismo no Território Económico 2000-2009



Entre 2000 e 2009 o CTTE cresceu 2,9% em média anual. Os anos 2006 e 2007 foram os que observaram maiores crescimentos (9,5% e 10,4%, respectivamente). Porém, o final da série foi marcado por uma redução da procura turística, com o ano de 2009 a apresentar um decréscimo nominal de 6,2%. Analisando as componentes da procura turística, pode perceber-se que, em 2009, o Consumo do Turismo Receptor foi aquele que mais contribuiu para a diminuição do CTTE (com uma variação de -7,4%). Em 2008, o Consumo do Turismo Receptor registou ainda um crescimento ténue de 0,3%, reflectindo o facto de a crise económica internacional se ter feito sentir, essencialmente, no segundo semestre. O Consumo do turismo interno, juntamente com as Outras componentes do consumo do turismo, registou as mesmas tendências de abrandamento em 2008 e de decréscimo em 2009, mas de menor amplitude comparativamente ao observado no Consumo do Turismo Receptor (aumento de 4,3% em 2008 e decréscimo de 4,7% em 2009, em termos nominais). Para o conjunto do período, o Consumo do Turismo Receptor cresceu 3,1% em média anual, enquanto o consumo de turismo interno cresceu 2,5%.

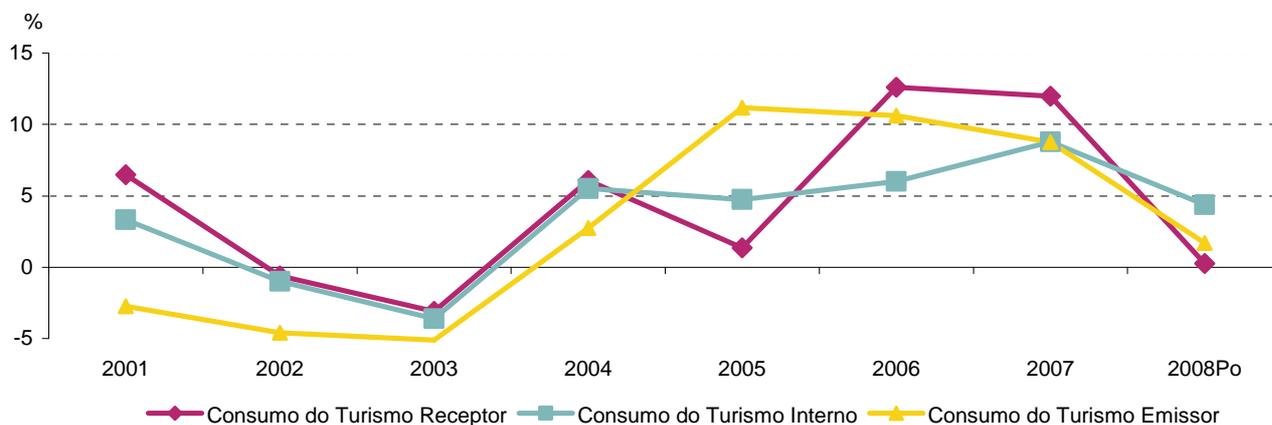
Gráfico 3. Taxas de crescimento nominal do CTTE e respectivas componentes



A Base 2006 apresenta, pela primeira vez, informação sobre o turismo emissor, ou seja, as despesas de turismo dos residentes fora do território económico. Entre 2000 e 2009 o consumo de turismo emissor ou seja, o consumo do turismo dos residentes no estrangeiro, atingiu, em média, 1,9% do PIB e uma taxa média de crescimento anual nominal de 1,6%. Analisando o gráfico 4 é possível verificar que, apesar do decréscimo

observado entre 2000 e 2003, a partir de 2004 observou-se um forte crescimento, excedendo mesmo os crescimentos do turismo receptor e do turismo interno em 2005. Em 2008, no entanto, o turismo emissor desacelerou mais fortemente que o turismo interno.

Gráfico 4. Taxa de crescimento do Consumo de Turismo Receptor, Interno e Emissor

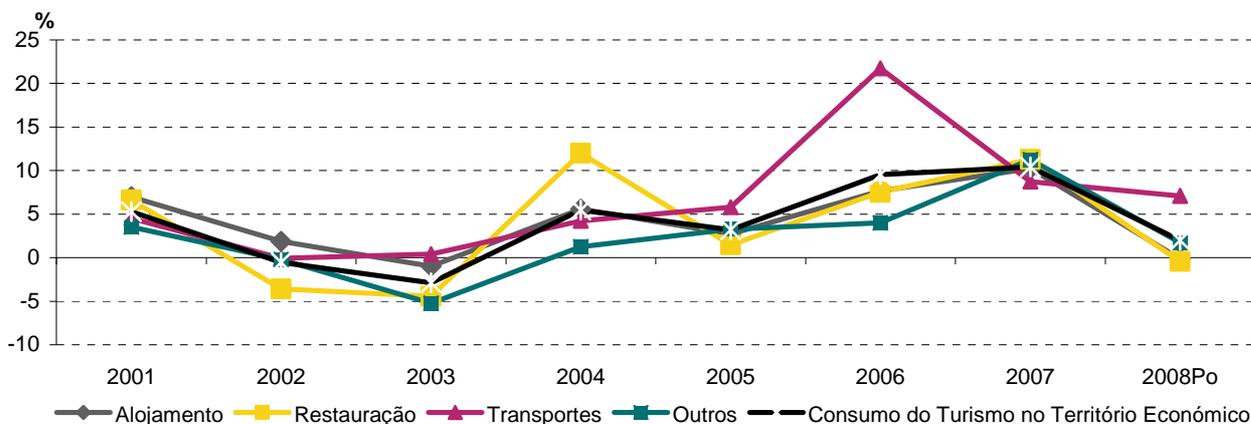


2.1.1. Consumo Turístico no Território Económico (CTTE) por produtos consumidos

Considerando os produtos consumidos, entre 2000 e 2008, a estrutura manteve-se relativamente estável, apresentando o Alojamento um peso de cerca de 24% no total do CTTE, a Restauração 25%, os Transportes 22% e os restantes produtos aproximadamente 29%.

Em termos de dinâmica de crescimento, os transportes destacam-se como a componente mais dinâmica, salientando-se o forte crescimento observado em 2006 (21,7%). Em 2008, o Alojamento e a Restauração diminuíram 0,1% e 0,4%, respectivamente, tendo sido os Transportes que justificaram o crescimento do CTTE, (com um crescimento de 7,1%).

Gráfico 5. Taxa de crescimento do Consumo de Turismo no Território Económico por produto



Desdobrando a despesa dos visitantes (turistas e excursionistas) em não residentes e visitantes residentes, no território económico, é possível observar que a estrutura apresenta semelhanças, nomeadamente no peso relativo da Restauração e Outros (serviços culturais e recreativos, agências de viagens e bens e serviços não característicos). As maiores diferenças residem no Alojamento (que representa 24% da despesa dos visitantes não residentes e 16% da despesa dos visitantes residentes no território económico). Os Transportes representam 21% do Consumo do Turismo Receptor e 26% no consumo de turismo interno.

Gráfico 6. Estrutura média por produtos do CTReceptor no período 2000-2008

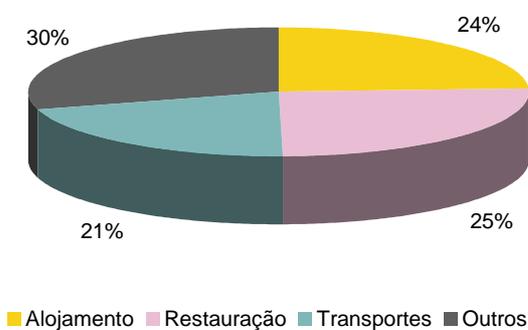
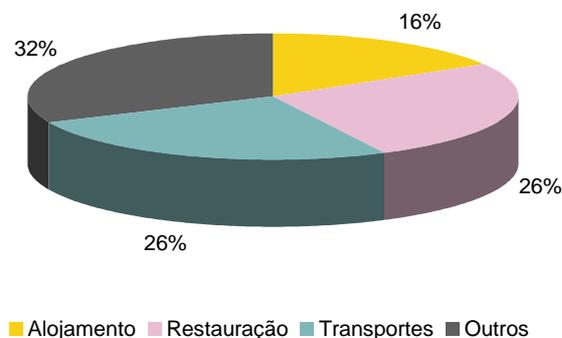


Gráfico 7. Estrutura média por produtos do CTInterno no período 2000-2008



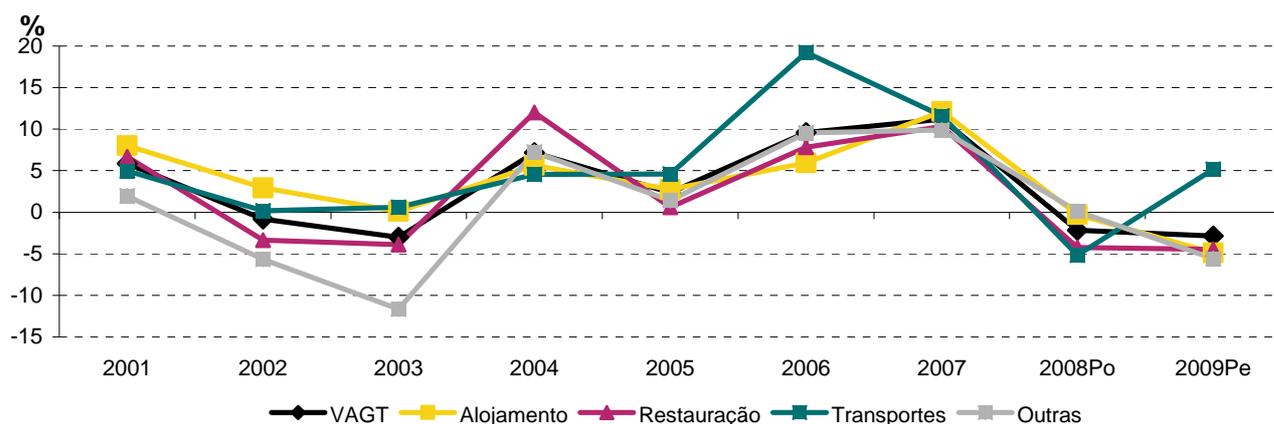
2.2. Valor Acrescentado Gerado pelo Turismo – Oferta turística

Analisando a oferta turística, mais concretamente, o VAGT, verificou-se que entre 2000 e 2009 este agregado atingiu, em média, cerca de 4% do PIB, registando uma taxa de variação média anual de 3,8%, em termos nominais. Em 2008 e 2009 o VAGT diminuiu 2,1% e 2,8%, respectivamente, o que resultou da conjuntura económica nacional e internacional adversa, mas também do efeito base dos anos anteriores (2006 e 2007), em que o crescimento registado pela actividade turística foi bastante acentuado.

Na estrutura do VAGT por actividade, ao longo do período, o Alojamento contribuiu, em média, com 39%, a Restauração com 23%, os Transportes com 20% e as Outras actividades com 18%.

Em termos médios anuais, a actividade que mais cresceu em termos nominais foi a de Transportes (5,1%), seguidos do Alojamento (4,7%), da Restauração (3,2%) e das restantes actividades (1,6%). A dinâmica de crescimento ao longo da série foi diferenciada: de 2000 a 2003 e em 2008 foi o Alojamento que registou taxas de crescimento nominal mais elevadas; em 2004 foi a Restauração; os Transportes observaram as maiores taxas de crescimento apenas entre 2005 e 2007 e em 2009. O Transporte aéreo constituiu a componente mais relevante desta actividade, tendo sido determinante na forte dinâmica observada na segunda metade da série em análise.

Gráfico 8. Taxas de crescimento nominal do VAGT e das actividades que para ele contribuem





3. Diferenças entre a Base 2006 e a Base 2000

3.1 Aspectos metodológicos e conceptuais

Em Junho de 2010, o INE divulgou a nova base das Contas Nacionais, cujo ano de referência passou a ser 2006, substituindo o ano 2000. Consequentemente, a CST procedeu igualmente à revisão das suas séries de Procura, Oferta, Emprego e Formação Bruta de Capital Fixo. Na base 2006, foram incorporadas novas fontes de informação, como a Informação Empresarial Simplificada (IES), o Inquérito aos Gastos Turísticos Internacionais (IGTI), bem como as novas nomenclaturas de actividades e produtos das Contas Nacionais, adaptadas das versões da União Europeia: a Nomenclatura de Actividades da Comunidade Europeia, Revisão 2 (NACE Rev. 2) e a Classificação de Produtos por Actividade 2008 (CPA 2008). Algumas das alterações da nova NACE estão em linha com a nomenclatura da CST, existindo agora menos diferenças entre a nova NACE e a nomenclatura da CST, comparativamente ao que sucedia na base anterior.

No contexto da CST, as séries reflectem ainda algumas diferenças específicas, sendo a mais significativa a da afectação da despesa do turismo de negócios de acordo com a residência do visitante. A despesa de turismo de negócios passou a ser incluída no turismo receptor ou interno (em vez de estar incorporada na categoria de outras componentes do consumo de turismo, como sucedia na base 2000). Esta alteração enquadra-se nas recomendações do Manual de 2008 da Organização Mundial de Turismo (OMT). Aproveitou-se ainda para alterar a terminologia utilizada, visando tornar mais perceptível a compreensão dos resultados, substituindo a anterior designação “Consumo de Turismo Interior” (CTI) por “Consumo de Turismo no Território Económico” (CTTE)

O IGTI possibilitou uma melhoria significativa da CST, porque permitiu actualizar informação estrutural sobre a despesa de visitantes não residentes em Portugal. Face ao inquérito anterior, o IGTI 2005-2007 foi ainda inovador porque permitiu obter informação sobre despesa dos residentes no estrangeiro, sobre a despesa dos trabalhadores sazonais e de fronteira (residentes no estrangeiro e não residentes em Portugal) e, finalmente, porque permitiu a identificação de diferentes perfis de consumo, de acordo com a motivação da viagem turística. A disponibilização de informação sobre a despesa dos residentes no estrangeiro possibilitou a compilação, pela primeira vez, do consumo de turismo emissor (quadro 3 da CST nos termos do manual da OMT). Na base 2000 este quadro não era compilado por não se dispor de fontes de informação que o permitisse fazer de acordo com os padrões *standard* da OMT (detalhes por tipo de visitante, produto e motivo da viagem)

3.2. Principais revisões

O CTTE foi revisto em baixa na nova base (-7,5% em 2006). Esta revisão traduz sobretudo a incorporação dos dados da IES e do IGTI nas Contas Nacionais Portuguesas. Estes dados permitiram apurar que o volume do turismo de negócios efectuado por residentes era inferior ao estimado na base anterior. Permitiram também verificar que a proporção desse turismo que correspondia a turismo emissor, e portanto não deveria ser considerado no âmbito território económico, era superior ao estimado na base 2000. Ambos os efeitos contribuíram para reduzir o nível do CTTE.

As revisões de nível das três grandes componentes do CTTE traduzem sobretudo a diferente afectação do turismo de negócios já referida, que deixou de estar reflectida nas "outras componentes de consumo de turismo" e passou a ser repartida entre turismo receptor e turismo interno.

Quadro 2 . Consumo de Turismo no Território Económico

Consumo de Turismo	10 ⁶ euros		
	B00	B06	B06-B00
	2006	2006	taxa de variação
Não Residentes ⁽¹⁾	7.437	7.879	5,9%
Residentes ⁽¹⁾	2.993	5.396	80,3%
Outras componentes ⁽²⁾	4.719	734	-84,4%
CTTE	15.149	14.008	-7,5%

(1) inclui consumo do turismo de negócios na Base 2006 (B06), não inclui na base 2000(B00)

(2) não inclui consumo do turismo de negócios na Base 2006 (B06), inclui na base 2000(B00)

A revisão em baixa do CTTE, conjugada com a revisão em alta dos consumos intermédios associados a actividades turísticas, conforme resultou da apropriação dos dados da IES pelas Contas Nacionais Portuguesas, determinou que o VAGT fosse revisto em baixa na nova base (-12,5% em 2006).

Notas Metodológicas:

A Conta Satélite do Turismo (CST) tem como principais quadros metodológicos de referência o Manual de Implementação da Conta Satélite do Turismo, do Eurostat, e a publicação "Conta Satélite do Turismo: Quadro de referência metodológica", das Nações Unidas. Por outro lado, e uma vez que a CST é um projecto coerente com o Sistema de Contas Nacionais, o recurso aos conceitos e nomenclaturas deste último afigura-se imprescindível, sendo observadas as suas referências metodológicas, nomeadamente o Sistema de Contas Nacionais das Nações Unidas (SCN93) e o Sistema Europeu de Contas (SEC95). As Recomendações das Estatísticas do Turismo, das Nações Unidas, constituem a principal referência conceptual do Turismo Internacional, assegurando a coerência da CST com o Subsistema de Informação Estatística do Turismo, a nível de conceitos e definições, assim como com outros subsistemas, como a Balança de Pagamentos.

As presentes estimativas encontram-se desagregadas de acordo com as nomenclaturas de actividades e produtos do Turismo da Conta Satélite do Turismo de Portugal:

- A nomenclatura de actividades e de produtos do Turismo

Há que distinguir entre produtos e actividades "Específicos(as)" e "Não Específicos(as)" do Turismo. Os Produtos Específicos classificam-se em Característicos e Conexos. Os Produtos Característicos são produtos típicos do Turismo e constituem o foco da actividade turística. Por sua vez, os Produtos Conexos são produtos que, apesar de não serem típicos do Turismo num contexto internacional, podem sê-lo num âmbito mais restrito como é o nacional. Estas nomenclaturas foram definidas de acordo com o Manual de Implementação da Conta Satélite do Turismo. Nos produtos característicos incluem-se o Alojamento, a Restauração e Bebidas; o Transporte de Passageiros; as Agências de viagens, operadores turísticos e guias turísticos; os Serviços Culturais, a Recreação e Lazer e os Outros Serviços de Turismo.

Os Produtos Não Específicos correspondem a todos os outros produtos e serviços produzidos na economia e que não estão directamente relacionados com o Turismo, podendo ser alvo de consumo por parte dos visitantes.

No caso das actividades, as Actividades Características são actividades produtivas cuja produção principal foi identificada como sendo característica do Turismo e que servem os visitantes, admitindo-se uma relação directa do fornecedor com o consumidor. Incluem-se, neste grupo, as actividades: Alojamento (hotéis e similares, residências secundárias utilizadas para fins turísticos por conta própria ou gratuitas), Restauração, Transportes de passageiros, Serviços auxiliares aos transportes de passageiros, Aluguer de equipamento de transporte de passageiros, Agências de viagens, operadores turísticos e guias turísticos, Serviços culturais e Recreação e lazer.

- As componentes de Consumo do Turismo no Território Económico

Este agregado engloba:

- o Consumo do Turismo Receptor, que corresponde ao consumo efectuado por visitantes não residentes em Portugal; inclui, na base 2006, o consumo do turismo de negócios de não residentes.

- o Consumo do Turismo Interno, que corresponde ao consumo dos visitantes residentes que viajam unicamente no interior do país, mas em lugares distintos do seu ambiente habitual, assim como a componente de consumo interno efectuada pelos visitantes residentes no país aquando de uma viagem turística no exterior do país (componente de consumo interno do Turismo Emissor); inclui o consumo do turismo de negócios de residentes no território económico.

- as outras componentes do consumo turístico, que compreendem os serviços de habitação das habitações secundárias por conta própria e as componentes do consumo turístico que não são passíveis de desagregação por forma de turismo.

O Consumo do Turismo Emissor corresponde ao consumo efectuado por residentes no estrangeiro. Inclui o turismo de negócios.

O **Valor Acrescentado Gerado pelo Turismo (VAGT)** corresponde à parcela do VAB que é gerada na prestação de serviços aos visitantes em Portugal, sejam residentes no país ou não. Este valor pode ser considerado como a contribuição da actividade turística para o VAB da economia.

Próxima disponibilização de informação

O Inquérito aos Gastos do Turismo constitui uma fonte de extrema relevância para a elaboração das CST. A elaboração da conta encontra-se, por isso, condicionada pela disponibilidade de informação proveniente desta importante fonte estatística. Este inquérito foi descontinuado temporariamente o que tenderá a condicionar a frequência e o detalhe da CST.